

Universidade e viadagem: narrativas da diversidade lgbttqia+ dentro do espaço de formação de nível superior**University and viadagem: narratives of lgbttqia+ diversity within the space of higher education**

DOI:10.34117/bjdv6n10-167

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 08/10/2020

Geovano Morgado da Silva

Ensino Superior Incompleto

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação Campus VII, Senhor do Bonfim - BA.

Endereço completo: Travessa Vila Nova, 195, Bosque, Senhor do Bonfim – BA, CEP: 48970-000.

E-mail: geovanxmorgado@gmail.com

Viviane Brás dos Santos

Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA/UNEB)

Instituição de atuação atual: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação Campus VII, Senhor do Bonfim - BA

Endereço completo: Rua João Bartilote, 205, Vila Nova, Senhor do Bonfim - BA, CEP: 48970-000.

E-mail: vivianebras.pedagogia@gmail.com

RESUMO

A LGBTTQIA+fobia, enraizada na sociedade, se faz presente também nos espaços de formação educativa. A omissão da educação básica a temas relativos à convivência com a diversidade sexual e de gênero, faz com que a LGBTTQIA+fobia se mantenha presente nas relações que os indivíduos estabelecem, dentro e fora dos espaços formativos. Este artigo pretende analisar, a partir de narrativas, as situações de violências que vivi por ser estudante de curso de nível superior e LGBTTQIA+. As narrativas presentes no corpo do texto são autobiográficas e versam da relação conflituosa à diversidade LGBTTQIA+ que o autor manteve com o espaço da universidade e com as pessoas que neste circulam. Ao concluir, o autor afirma a presença da LGBTTQIA+fobia na universidade e alerta para a incongruência entre o que observou enquanto estudante LGBTTQIA+ inserido nos processos educativos e o que se observa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9.394/96.

Palavras-chave: Diversidade sexual e de gênero, LGBTTQIA+fobia na educação, Narrativas de vida.

ABSTRACT

LGBTTQIA+phobia, rooted in society, is also present in education spaces. The omission of basic education to themes related to coexistence with sexual and gender diversity, makes lgbttqia+phobia remain present in the relationships that individuals maintain, inside and outside the formative spaces. This article aims to analyze, based on narratives, the situations of violence that I experienced as a LGBTTQIA+ student of a higher education course. The narratives present in the body of the text are autobiographical and deal with the conflicting relationship to LGBTTQIA+ diversity that the author maintained with the university space and with the people who circulate in it. In conclusion, the author states the presence of LGBTTQIA+phobia in the university and warns of the incongruity between what he observed as an LGBTTQIA+ student inserted in the educational recesses and what is observed in the Law of Guidelines and Bases of Education, LDB 9.394/96.

Keywords: Sexual and gender diversity, LGBTTQIA+phobia in education, Life narratives.

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem conquistado em direitos por meio das lutas do movimento LGBTTQIA+. Apesar disto, ainda hoje a LGBTTQIA+fobia está presente nas mais variadas esferas da sociedade e nos assola diariamente. Reflexo disto, por exemplo, nos é negado espaço nos empregos formais, evento este que faz com que 90% das transsexuais e travestis no Brasil somente encontrem na prostituição possibilidade de produzir sustento (ANTRA, 2019).

Outros recursos que não somente o direito ao trabalho, tão básicos quanto, nos são, paradoxalmente, negados. A educação, como sustenta este texto, é um dos segmentos da sociedade que nos desprezam e, por conseguinte, atesta o processo de desumanização que vem sofrendo as pessoas LGBTTQIA+.

Do senso comum à religiosidade, no curso da história, a moral permitiu por séculos que fosse coerente o silenciamento de vidas LGBTTQIA+'s, por decorrência de tão somente sua diversidade à norma heterossexual e cisgênera, em nome ora de Deus, ora da proteção da família e, outrora, da simples manutenção dos bons costumes. Até mesmo o conhecimento científico legitimava as agressões aos nossos corpos, uma vez que estávamos listados, até meados da década de 90 do século XX, pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, CID, na categoria “Desvios e Transtornos Sexuais”, código 302, na subcategoria “Homossexualismo”, código 302.0 (LAURENTI, 1984).

Fruto de muita luta e derramamento de sangue LGBTTQIA+, sobretudo travesti e transsexual, pudemos ter reconhecida, somente a partir da 10ª revisão do documento, a diversidade de manifestação da sexualidade enquanto expressão humana não associada a disfunções (OMS, 1993).

No Brasil do ano de 2020, não há mais inquisição, não há mais campos de concentração, com seus sem-número de instrumentos e procedimentos de tortura e “salvação da alma”, contudo, a opressão perdura à moda contemporânea. Assim como a máquina fotográfica, a televisão e o rádio foram polidos através dos anos para caber dentro das necessidades atuais, também a LGBTTQIA+fobia se torna uma ferramenta, que evoluiu a ponto de atuar quase que imperceptivelmente.

Ser LGBTTQIA+, em quaisquer que sejam os espaços, é perceber-se alvo de discursos fortemente incisivos, mas de enorme poder persuasivo, que faz com que passem despercebidas ofensas ao corpo LGBTTQIA+. Conversação ordinária, “sem a intenção de ferir”, se misturam à LGBTTQIA+fobia numa solubilidade sem comum!

Assumir-se LGBTTQIA+ é sinônimo de se permitir vulnerabilizar à violência nas suas mais variadas formas, nos mais inimagináveis espaços. Carregar consigo este estigma, te exercita em um constante estado de auto vigília, onde o foco da repressão confusamente são os caracteres que te compõe enquanto indivíduo. É preciso estar alerta quanto ao modo como seu corpo se movimenta ao andar e gesticular, quanto às roupas que se usa, às cores e brinquedos que prefere, quanto às companhias com quem se anda.

De certo, com o fortalecimento dos movimentos e conscientização de um grande número de pessoas, nós, estigmatizados, conquistamos muito, contudo, ainda as “amarras” da normatização nos percebem diferentes e estrategiam modos de nos enquadrar. Aos de nós que se mostrarem demasiadamente teimosos a ponto de insistirem em suas “perversões”, a marginalização, exclusão, invisibilização e tantos outros tantos modos de exercer a falsa supremacia cisgênera e heterossexual se tornam instrumentos nas mãos dos que amam demais a família para nos admitir na TV, nas escolas, universidades e nos trabalhos formais.

Dentro deste modo de enxergar a problemática levantada é que se baseia este estudo. Meu objetivo é analisar, a partir de narrativas, as situações de violências que vivi por ser estudante de curso de nível superior e LGBTTQIA+. Ingressei à universidade pública tendo a consciência de que este espaço, como os demais que me foram negados durante os meus pouco mais que 20 anos de vida marginal, não me receberia sem resistência.

A universidade pública e a formação de professores ainda é um espaço hegemonicamente cis-heterossexual. A partir das narrativas de vida que se seguirão, ficará evidente o modo como elas refletem a mesma omissão da sociedade frente à nossa marginalização, silenciamento e expurgação. É difícil sobreviver à escola, adentrar a universidade e nela permanecer, sair dela diplomado e conseguir um emprego, quanto mais, percorrer todos estes processos mantendo estável a saúde mental, física e social. Será que “as portas” da educação estão verdadeiramente abertas à diversidade sexual e de gênero?

Enquanto a escola e a universidade continuarem sendo para uma maioria de nós LGBTTQIA+’s, quando não inalcançável, mais um espaço onde se é oprimido, não haverá mudanças tão significativas nos assombrosos números da violência que nos assola. Enquanto a educação não rever a maneira como está apresentando, ou não, a diversidade aos seus beneficiários, continuarão se repetindo as situações-problema que menciono neste documento. Na esperança de dias melhores escrevo.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, detive-me a pesquisar qualitativamente, pois entendo que os objetos de análise desta pesquisa, as narrativas de minha vida, não poderiam ser expostos se vistos por meio de uma ótica de quantificação de dados. Pretendo aqui acessar minhas experiências e as compreensões que obtive delas. Estas, somente podem ser bem medidas se vistas por uma ótica de se pesquisar que dê espaço à valorização da subjetividade presente nos relatos.

Minayo (2013) defende que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares” (p.21). Ela “se preocupa (...) com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado” (p.21). Neste seguimento, o pesquisador preocupar-se-á em interpretar os sentidos atribuídos à experiência, a partir de concepções individuais ou coletivas (CHIZZOTTI, 2018). Sendo assim, “ela trabalha com o complexo universo “(...) dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2013, p.21).

2.1 SOBRE SER VIADO EM UM MUNDO CONSTRUÍDO PARA O CIS-HETERONORMATIVISMO

Existem muitos preconceitos rodeando a diversidade LGBTTQIA+. Em um mundo construído por heterossexuais e para heterossexuais, os estigmas que mapeiam o corpo LGBTTQIA+ estão bem definidos e são categoricamente combatidos/evitados. Desta maneira, todos os indivíduos, LGTTQIA+'s ou não, somos exercitados desde muito cedo em uma constante vigília e auto vigília de nossos corpos.

Lembro-me claramente do dia em que, pela primeira vez, ouvi um insulto homofóbico na vida: "Você é viado ou estudado?", perguntou-me, com rispidez, um homem adulto que bebia em companhia de outros na venda de "seu" Deraldo, na Baixa da Candeia, aonde eu fora comprar pães a pedido de minha mãe. O motivo da pergunta insultuosa e dos risos de escárnio que ela suscitou entre os adultos presentes foi o fato de eu ter feito uma concordância de número correta durante o pedido: "Seu Deraldo, eu quero seis pães!". Mas seguramente o tom da minha voz e meus trejeitos "afeminados" — dos quais eu era completamente inconsciente até então — contribuíram para aquela humilhação pública (WYLLYS, 2019, s/p).

Esta memória é do professor, jornalista, e exilado político Jean Wyllys. Um dos deputados brasileiros mais votados do Brasil, o professor deixou o país no primeiro semestre de 2019, por estar sendo vítima de constantes ameaças de morte. No relato, publicado em seu *blog* pessoal, Jean Wyllys conta da primeira vez que teve contato com a “régua” que mede o quanto distante da cis-heteronormatividade o indivíduo está.

Sem que houvesse maiores prejuízos, o nome de Jean Wyllys poderia ser trocado pelo meu, nesta narrativa, uma vez que constantemente passei e passo por situações de violência parecidas com esta em meu dia-a-dia. Qualquer LGBTTQIA+ o poderia fazer. As vezes em que me senti deslocado nos lugares, nas falas das pessoas, nos xingamentos delas, são incontáveis.

Desde o nascimento todos nós, viados ou não, somos inseridos em um universo de signos que dentro de um arranjo lógico conversa com o órgão sexual designado a cada indivíduo no nascimento. Deste modo, para o inconsciente coletivo, ser do sexo feminino ou masculino significa agir de determinado modo e recusar determinadas práticas que lhes são social e culturalmente impostas, historicamente construídas (LOURO, 2009). Permitir-se expressar a sua singularidade de gênero e sexualidade, em uma sociedade que já pré-conceitua todos e todas enquanto sujeitos(as) cisgêneros e heterossexuais, é aceitar o fardo de viver em constante perigo e estado de alerta, até mesmo nos espaços que, em teoria, preconizam pelo respeito e boa convivência com a diversidade humana, como é o caso da escola e universidade.

2.2 EDUCAÇÃO REPRODUTORA DA LGBTTQIA+FOBIA: A SERVIÇO DE QUEM?

Aos 20 anos eu adentro em minha segunda graduação. Quando forço mais uma vez “as portas” da universidade à dentro, após 2 anos de experiência cursando um bacharelado em uma universidade privada, eu esperava menos estranhamento às manifestações de meu gênero e sexualidade. O perfil que construí, no decorrer dos anos, do estudante da universidade pública, ainda mais do estudante das ciências humanas, estava muito mais ligado à convivência harmoniosa com a diversidade que o oposto, acreditava eu.

Imaginava que, partindo de uma universidade privada, de um curso que em minha experiência foi de pura profissionalização, onde estavam pessoas que pagavam diretamente pelo fornecimento de sua educação superior e obtenção de conhecimentos, num sentido bem mercadológico, para uma universidade pública, eu encontraria pessoas menos presas aos preconceitos, crenças frágeis e tabus sustentados pela massa.

Acreditava que, ao chegar à universidade pública me libertaria para viver meu gênero e sexualidade de maneira menos auto-repreensiva. Partindo disso, imaginei que não iria ter de passar pelas mesmas desagradáveis experiências que passei no meu anterior e primeiro contato com a universidade.

Para elucidar o grau de distanciamento das questões de gênero dos estudantes de minha turma da primeira graduação, e neste coletivo eu me incluo, a lembrança que me é mais forte e a que constantemente me pego a lembrar foi a da vez em que um dos colegas, em um evento com

incontáveis outros estudantes e profissionais da área, me convidou à descruzar as pernas sob a justificativa de que atitudes como aquela “mancham” a reputação dos homens que se profissionalizam naquela determinada área. Lembro-me do uso do termo “mulherzinhas”, utilizado de maneira misógina e LGBTTQIA+fóbica para me lembrar do padrão comportamental que deve seguir um homem cisgênero.

A maneira como este estudante se utiliza de ferramentas em seu discurso com o fim de podar a expressão do diverso à norma cis-hétera é herança de um trabalho de repressão constituído no decorrer de séculos. Desde a tenra infância, a todo instante estamos sendo coagidos a assumir os construtos sociais de masculinidade, quando se nasce com um pênis, e feminilidade, quando com uma vagina.

Louro (2000) utiliza-se das narrativas de Corrigan (1991, apud LOURO, 2000), para destacarem, ambos, os meios que a escola se utiliza para imprimir os moldes de corpo e comportamento coerente a uma e outro. Esta diz: “Os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher "civilizados" (2000, p.21).

Neste sentido, haviam de aprender para reproduzir socialmente as regras de se ser homem e mulher. Louro (2000) explicita a imposição destes normativismos quando diz da maneira como a escola a ensinava a portar-se de maneira gentil, dócil, discreta, obediente. Corrigan (1991, apud LOURO, 2000), igualmente a esta, fala do modo como a escola da Inglaterra do século XX incentivava a violência entre os meninos para imprimir-lhes os ideais de força, competitividade, e demais outros que são estigmatizados à masculinidade.

Para além da escola, vejo também imposição da norma cis-héterossexual nos espaços de educação em nível superior. Percebo manifestações da misoginia e LGBTTQIA+fobia na universidade, apesar do grau de instrução das pessoas que lá transitam. Por diversas vezes, nas mais variadas formas, me senti coagido a rever certos elementos de minha subjetividade que divergem da norma para me sentir pertencente àquele espaço. Paradoxalmente à laicidade da universidade pública, senti que não me era permitido expressar algo tão básico quanto o meu eu ali dentro, como que a dizer que aquele espaço não me cabe.

2.3 MANIFESTAÇÕES DA LGBTTQIA+FOBIA NO ESPAÇO FÍSICO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

De minhas vivências enquanto LGTTQIA+ dentro da academia, enxergo um *campus* que se mostra despolitizado às questões da diversidade de gênero e de sexualidades em seu espaço físico.

Os murais, as salas de aula, os espaços de convivência, as paredes, o chão, nenhum destes espaços traz em si intervenções de qualquer natureza que possam direcionar o pensamento a estas questões. Não há nada além de informativos e editais. Este silêncio dos corredores revelam um posicionamento que tende a desarmonia com estas questões.

Freire (2011) diz que não há neutralidade nos processos educativos. Educação e política se complementam de tal maneira, que se torna impossível fazer educação sem política, bem como fazer política sem educar. Deste modo, o discurso educativo que se diz politicamente neutro esconde em si sua natureza perniciosa. Se portar de maneira neutra é deixar de levar informação às pessoas. Neste movimento, elas têm prejudicadas a sua análise sobre os problemas e a sua emancipação.

Curioso é o fato de que, inversamente aos corredores que se fazem neutros às questões políticas, as paredes e portas dos banheiros trazem escritas mensagens de ódio e repúdio à diversidade LGBTQIA+. “Viado tem que morrer” e “Viado merece é bala”, eu leio na porta do primeiro box do banheiro masculino toda a vez em que preciso utilizá-lo.

Outras podem também ser encontradas. Como se não tão somente a falta de apologia à diversidade LGBTQIA+ fosse o bastante para negar espaço à expressão desta condição de ser, as mensagens de repúdio se encarregam de, diretamente, deixar isto bem claro.

2.4 MANIFESTAÇÃO DA LGBTQIA+FOBIA NOS DISCURSOS

Compreendo que também houve vezes em que a LGBTQIA+fobia esteve presente nos discursos das pessoas que transitam a universidade pública a qual faço parte. Recordo-me bem da estranheza que a minha presença atípica causou nos colegas de turma e outros estudantes, em meus primeiros dias de aula.

Os olhares “de canto”, pretensiosos à discrição, medrosos de serem percebidos, quase como se estivessem evitando encarar algo muito sujo, evidenciaram a maneira como, de algum modo, eu estava ousando demais transitar por aquele espaço da maneira como transitava/continuo a transitar.

Algumas vezes, ao me verem calçado em um salto-alto, ou usando maquiagem, as pessoas me paravam no corredor para perguntar se eu iria “apresentar a uma peça teatral”. Isto é, não há espaço para um homem, dentro de uma lógica binária de conceber as relações de gênero, que não seja dentro do universo de signos que compõem o típico modo masculino de vestir/comportar-se. O que está para além deste molde está sujeito à zombaria, escárnio, dentre outras reações não positivas.

A respeito, Louro (2000) diz ser impossível lidar com a diversidade sexual e de gênero a partir de esquemas que as consideram em esquemas binários. Há espaço para a aceitação da diversidade, uma vez que haja um ótica fora da necessidade de “encaixotamento” dos caracteres

humanos. Ser homem ou mulher é constructo social/cultural historicamente situado e as manifestações que fogem a normalidade eleita pelo coletivo, vistas enquanto ameaça à norma, são combatidas.

A LGBTTQIA+fobia se apresenta também na maneira como as pessoas recebem notícias boas a meu respeito. Ser LGBTTQIA+, não é novidade, é ter de se esforçar quantas vezes mais forem necessárias para atingir os mesmos patamares que alguém que respeita a norma cis-hétera faz com um esforço comum. Trabalhando duro, não desconsiderando também a parcela de sorte que tive de me serem concedidas as oportunidades no momento correto, uma vez que sucesso não se trata de mero esforço quando se é LGBTTQIA+, consegui me destacar em meio a turma, tirar boas notas, fazer algumas publicações. Contudo, por exemplo, a notícia de que o viado da turma estaria, naquela semana, viajando para apresentar alguma produção em um evento científico não causava olhares de aprovação e felicitação.

O lugar onde vemos o LGBTTQIA+ está comumente ligado à marginalidade. A LGBTTQIA+fobia se expressa também na maneira como reagimos ao perceber o LGBTTQIA+ fora desta regra. Para tornar mais claro, posso dizer que, no caminho de volta das nossas aulas para casa, para mais de 22:00 da noite, nas pistas e esquinas escuras da cidade, há mulheres transsexuais e travestis em seus pontos de prostituição. Nós não as percebemos lá, de tão naturalizada esta realidade está aos nosso olhar. Elas estão invisíveis, estão ali em horário conveniente, quando não podem ser vistas pelas nossas crianças. Porém, esta mesma invisibilidade deixa de existir quando a diversidade chega à entrevista de emprego formal, à sala de aula da universidade e à frente de um público de um evento acadêmico sério.

Enquanto a presença da diversidade LGBTTQIA+ dentro destes espaços ainda for rara, não se diminuirão tão significativamente os números de marginalização, invisibilização e de violência. Segundo relatório do GGB (2020), Grupo Gay da Bahia, que divulga anualmente um dossiê das mortes por LGBTTQIA+fobia no Brasil, um quantitativo de 329 pessoas morreram vítimas de marginalização, invisibilização, violência, e, sobretudo, omissão do Estado. Isto significa que no Brasil um LGBTTQIA+ é morto ou comete suicídio a cada 26 horas.

Estes dados não são oficiais, uma vez que o governo não se mostrou/mostra sensível a estas mortes. Tamanha é a omissão e indiferença do governo frente a segurança do LGBTTQIA+ brasileiro que o país ainda não conta com leis que garantam a criminalização da, exclusivamente, LGBTTQIA+fobia. Somente no ano de 2019, a LGBTTQIA+fobia passou a ser penalizada por lei no Brasil, contudo, por meio da lei nº7.716, até que o Congresso Nacional legisle em função da criminalização da LGBTTQIA+fobia (BRASIL, 2019).

3 CONCLUSÃO

A fim de dar um desfecho a estas reflexões, concluo o texto reafirmando a presença de um movimento contrário à diversidade LGBTTQIA+, nos espaços de formação em nível superior. No corpo deste artigo, puderam ser exemplificadas algumas experiências que tive ao adentrar os espaços de educação de nível superior, público e privado. Por meio de narrativas, atreladas ao conhecimento historicamente acumulado no campo da diversidade sexual e de gênero, algumas vivências de LGBTTQIA+fobia foram expostas e problematizadas.

Ao passo que concluo, alerta à omissão da educação, em quaisquer que sejam os níveis, no trato destas questões. Uma vez que o tema fosse apresentando de maneira coerente ao respeito aos direitos humanos, desacredito que eu, como também outros LGBTTQIA+'s, iríamos passar por tantas situações de violência quanto as que enfrentamos todos os dias.

Faz-se necessário dizer que esta omissão é contrária ao que diz a Lei de Diretrizes e Bases, LDB 9.394/96, quanto ao trato de temas que previnam situações de violência. Em seu § 9º, Art. 26., ela diz que: “conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares [...]” (BRASIL, 1996, s/p). Omitir a existência da diversidade sexual e de gênero não a extinguirá, tampouco a violência que acomete esta parcela da população.

REFERÊNCIAS

Associação Nacional de Travestis e Transsexuais - ANTRA. **Mapa dos assassinatos de travestis e transsexuais no Brasil em 2017**. 2018. Disponível em: < <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf> >. Acesso em: 12/08/2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa**. Brasília, 2019a. Disponível em: < <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=403689> > Acesso em: 15/07/2019.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LAURENTI, Ruy. **Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-347, Oct. 1984. Available from . access on 17 Apr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89101984000500002>.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Escola e Identidade**. Em: Educação e Realidade, v.25, n. 2, p. 59-76, jul.-dez., 2000. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833/29119> >. Acesso em: 12/08/2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia**. Em: JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.). Diversidade sexual na educação. Brasília: MEC, Unesco, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL**. Em: MINAYO, Maria Cecília de Souza. PESQUISA SOCIAL: Teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993. Cap. 1. p. 9-30.

Organização Mundial da Saúde -OMS- (Coord.). **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WYLLYS, Jean. **Que gay pode passar da dor à glória?** 2019. Disponível em: <https://jeanwyllys.blogosfera.uol.com.br/2019/04/12/que-gay-pode-passar-da-dor-a-gloria/>, acesso em: 18/04/2019 as 11:37.